

O canto dos seguidores

por Chandramukhi Campanella

Quando o Shree Muktananda Ashram passou a existir, em 1979, não havia quase nenhuma grama, árvores, arbustos ou flores no terreno ao redor do edifício Anugraha. Com o passar dos anos, entretanto, muitas pessoas que visitaram o Ashram ofereceram *seva* de paisagismo em toda a área. Como ouvi Gurumayi dizer muitas vezes, é devido a esse trabalho amoroso que uma beleza natural primorosa pode agora ser vista em toda parte. Com isso, muitos pássaros — migrantes ou residentes permanentes — encontraram um santuário nos jardins do Ashram.

Numa clara manhã ensolarada, no verão de 2011, Gurumayi estava no jardim do lado de fora do local onde ela oferece *darshan*. Eu estava presente, e conversávamos sobre alguma coisa. Por todo o jardim — e, na verdade, em toda a área diante do Anugraha — as pessoas que ofereciam *seva* nos jardins haviam colocado cestas penduradas com flores encantadoras. Foi a pedido de Gurumayi que essas cestas de flores tinham sido colocadas ali fora; Gurumayi havia descoberto que tordos gostam de construir seus ninhos e criar sua prole nelas.

Gurumayi caminhou até uma dessas cestas, onde havia fúcias florescendo. Elas tinham um lugar de destaque no jardim, situadas do lado de fora das enormes janelas, do piso ao teto, do local de *darshan* de Gurumayi. Ela levantou a mão até uma das fúcias, cuja haste se enrolava sobre a borda da cesta e deixou suas pétalas delicadas repousarem por um momento na palma de sua mão.

— Tão linda — ela disse suavemente.

Nesse momento, houve um bater de asas. Um tordo pousou na cesta, seguido de perto por outro, um pouco maior. Ambos estavam com o bico cheio de gravetos e torrões de barro, que eles prontamente depositaram no meio do emaranhado de flores. Os tordos eram um casal, ao que parecia, e estavam construindo seu ninho.

Gurumayi sorriu. Os tordos tinham encontrado seu lar.

— Eu me pergunto quando a mãe tordo botará seus ovos — ouvi Gurumayi sussurrar para si mesma.

Alguns dias depois, Gurumayi foi verificar o ninho. Os pais não estavam por perto; deviam ter saído para procurar comida. Gurumayi espiou dentro da cesta.

Ali, alojados no centro do ninho agora completo, havia três pequenos ovos. Eles eram de cor azul-turquesa — como Gurumayi comentou depois comigo — absolutamente *deslumbrantes*.

Depois disso, Gurumayi visitou diariamente o ninho de tordos para dar uma olhada nos passarinhos e seus ovos. Como aquele verão estava muito quente, ela também se assegurava que houvesse água suficiente na fonte onde os passarinhos se banhavam, para que eles pudessem saciar facilmente a sede. Algum tempo depois, pequenas rachaduras começaram a aparecer nas cascas dos ovos, então eles começaram a tremer um pouco e, por fim, eclodiram.

Nesse período em que os filhotes estavam nascendo, e depois, quando estavam desenvolvendo as asas, algo curioso aconteceu. Os pais tordos passaram a conhecer bem Gurumayi — *muito* bem. Eles pareciam ficar completamente à vontade perto de Gurumayi. Às vezes, quando a mãe tordo percebia que Gurumayi queria ver os filhotes, ela saía do ninho e pousava num galho próximo para que Gurumayi pudesse ter uma boa

visão deles. Quando Gurumayi se virava para sair, ela via, com o canto do olho, a mãe retornando ao ninho.

Logo, muitos membros do staff que haviam ouvido falar sobre os tordos e sua interação com Gurumayi também começaram a notar o comportamento atípico da mãe tordo. Ela começou a seguir Gurumayi quando ela caminhava para diferentes partes do Ashram, mesmo a longas distâncias. Ou, se Gurumayi estivesse conversando com alguém lá fora, a mãe tordo escolhia o melhor galho da melhor árvore por ali e pulava pelo galho para ter uma boa visão de Gurumayi. E se Gurumayi estivesse dando *darshan* lá dentro, a mãe tordo se empoleirava em sua planta — e, se necessário, afastava qualquer outro pássaro que obstruísse sua visão.

Lembro-me que, certa tarde, eu estava parada do outro lado do edifício, envolvida em algum *seva*. De repente ouvi um gorjeio. Era alto, um trinado estridente atravessando o ar. O som era *persistente* também; o pássaro estava claramente em algum tipo de missão. Um minuto se passou; dois minutos; três, cinco, sete minutos — e o trinado ainda continuava.

Tentei imaginar que tipo de pássaro cantaria assim. Então lembrei-me da mãe tordo. *Seria ela? Ponderei. Ela nunca dá um pio quando passo por ela. Só ouvia seu canto quando Gurumayi estava por perto.*

Imediatamente pensei: *Espera — será que isso significa que Gurumayi está por perto? Acho que não; nunca vi Gurumayi fora de casa a essa hora do dia.*

Mas eu *tinha* que saber o que estava acontecendo. Então, fui lá para fora e segui o canto do pássaro. Eu fui andando, fui me aproximando cada vez mais da origem daquele som, até que, finalmente — com toda certeza — vi um redemoinho de vestes laranjas. Senti as moléculas na atmosfera se moverem, se reorganizarem, criando uma harmonia nova e melhor. Lá estava Gurumayi. E lá estava o tordo anunciando a presença de Gurumayi.

Pude sentir meus olhos se iluminarem quando absorvi a cena. Meu coração se sentiu tão contente, e eu simplesmente não pude conter meu entusiasmo! Antes que eu pudesse me dar conta, tinha levantado as mãos para o alto e fazia uma dancinha.

— Ela está cantando para você, Gurumayi! — exclamei — Somente para você. Acredite em mim, é só para você!

Durante todo o verão, a mãe tordo continuou a seguir Gurumayi, e conforme cada mês passava, seu anseio por estar com Gurumayi parecia ficar mais forte. Seu canto ficou mais alto e mais doce, e ela seguia Gurumayi até com mais frequência. Algumas vezes o pai tordo a acompanhava, mas normalmente ele ficava lá no ninho, cuidando dos bebês enquanto a mãe tordo ia para o *darshan* e recebia bênçãos para toda a família.

No final do verão, quando o tempo esfriou, a família tordo deixou a área do Ashram à procura de climas mais quentes. Naqueles primeiros dias depois que os tordos partiram, sua ausência era notável. Eu me lembro de pensar: *Será que a mãe tordo e sua família voltarão?*

Avancemos um ano até junho de 2012. O verão havia chegado mais uma vez. Os dias estavam constantemente ensolarados de novo. As plantas penduradas na área externa do local de *darshan* de Gurumayi floresciam. E logo um casal de passarinhos bem familiares começou a aparecer à volta dessas plantas. Os tordos estavam de volta!

Como sabíamos que esses eram os mesmos tordos que haviam chegado no ano anterior? Acredite quando digo: era *óbvio*. Assim que via Gurumayi, a mãe tordo começava a cantar para ela. Seguia Gurumayi para todo lado, acompanhando-a em suas caminhadas até o fim — e mesmo então, ela pousava perto da porta, como se quisesse ter o prazer singular de receber

Gurumayi ao entrar. Ela também começou a fazer oferendas, abrindo a boca ocasionalmente para deixar cair uma minhoca diante de Gurumayi.

Seria possível, me perguntei, que um ano de ausência tenha tornado o coração de um tordo ainda mais afeiçoado a Gurumayi? Certamente assim parecia.

A certa altura naquele verão, Gurumayi disse: “É hora de dar nomes a esses tordos que me demonstraram tanto amor.”

Gurumayi olhou carinhosamente para a mãe tordo, que voava ali perto.

— Você será Mamaroo — disse ela.

Em seguida, voltou aquele mesmo olhar afetuoso em direção ao pai, que estava em seu posto no ninho.

— E você será Paparoo.

Fiquei tão tocada ao ouvir Gurumayi dar a esses pássaros seus nomes. Os tordos realmente haviam se tornado parte da vida do Ashram, e me senti grata de podermos chamá-los agora por esses termos carinhosos, especialmente porque estávamos sempre falando sobre eles! Por exemplo, em certa ocasião, Gurumayi estava falando com alguns de nós sobre como Deus aparece de muitas formas e passa mensagens de diferentes maneiras. Imediatamente, alguém disse: “Uma forma de Deus é Mamaroo!”

Quando Mamaroo, Paparoo e sua família partiram no final daquele verão, achei que *com certeza* esta seria a última vez que veríamos esses tordos. Já achava extraordinário tê-los visto no terreno do Ashram por uma segunda estação.

E por algum tempo, não os vimos novamente. Mas, então, em maio de 2019, cerca de oito anos após Mamaroo e Paparoo terem chegado pela

primeira vez ao terreno do Ashram, Gurumayi percebeu que um ninho de passarinhos havia aparecido em um pinheiro não muito longe das plantas penduradas. O ninho estava posicionado de forma curiosa: somente a alguns centímetros de um conjunto de janelas por onde Gurumayi passa com frequência.

Pouco depois, quando Gurumayi caminhava do lado de fora, alguém — alguma coisa — mergulhou com um farfalhar de penas para saudá-la. Era... um tordo! Em muito pouco tempo, esse tordo começou a seguir Gurumayi para toda parte e a cantar para ela. Ao reconhecer este comportamento, Gurumayi disse: “Ela deve pertencer à linhagem de Mamaroo e Paparoo — outra geração.”

Gurumayi me contou que agora, a cada ano, no início da primavera, sempre que ela vê a chegada dos primeiros tordos no Shree Muktananda Ashram, eles invariavelmente a fazem lembrar de Mamaroo e Paparoo. Ela também fica de olhos e ouvidos atentos para um sinal de algum dos sucessores de Mamaroo, especificamente. Sem falha, eles sempre aparecem. Gurumayi sabe que eles vieram quando ela vê um ninho de tordo em algum local totalmente visível ou ouve seu doce canto *muito* perto.

Gurumayi disse: “Todos os pássaros e animais que visitam o Ashram conhecem as pessoas do Ashram. Quando chega a hora de eles migrarem, eles vão, mas sempre retornam para ver sua gente novamente.”

